

O PERIGO ESPREITA NA PAISAGEM MAIS DOCE DO MUNDO

Rubem Braga

Entre o Troar da Artilharia, Dois Oficiais Discu tem o Problema da Erosão No Brasil — Sim, é Uma Guerra Estranha, Mistura de Fartura, Miséria, Técnica Moderna e Arte Feudal — Encontro Com Duas Lindas Adolescentes de Luca Della Robbia — Os Grandes da Renascença Traçavam o Perfil das Santas Pensando Em Suas Vizi nhas — O Reino dos Céus Está Cheio de Graça Italiana — Encontro Pelas Esquinas Figuras de Rafael — Os Brasileiros Não São Barbaros Nem Matam Prisioneiros — A Historia de Dois "Partigianos" e a do Padre

Sim, é uma guerra estranha, mistura de fartura, miséria, técnica moderna e arte feudal. O perigo espreita na paisagem mais doce do mundo.

Entre o troar da artilharia dois oficiais discutem o problema da erosão no Brasil: esses lavradores italianos sabem abrir

leiras suas colinas sobem em degraus que são canteiros.

Encontro as duas lindas adolescentes de Luca della Robbia: estão vivas, em minha frente, tecendo meias de lã.

Em Roma eu já pensara isso: os grandes da Renascença faziam suas mulheres bíblicas com um sentimento muito humano: traçavam o perfil das santas pensando nas suas vizinhas.

O reino dos Céus está cheio de graça italiana; encontro pelas esquinas figuras de Rafael.

Dois prisioneiros aparecem num "jeep". Quero ver a cara

desses alemães. Mas são italianos.

O general Graziani mandou para aqui o pessoal de uma divisão alpina, que ficou no lugar dos alemães, há uns quatro ou cinco dias atrás.

Os dois prisioneiros têm um ar satisfeito, e falam com vivacidade. Um deles conta ao cabo que o guarda: o capitão lhes dissera que os brasileiros são barbaros que matam os prisioneiros.

O "jeep" segue viagem: os homens vão ser interrogados no Q. G. Aparecem mais dois prisioneiros. Agora nossa artilha-

(Conclusão da 1ª pag.)

ria começa a funcionar, dando apoio direto à infantaria, que avança. Sentindo-se ameaçados pelo flanco, e batidos pela artilharia, os fascistas recuam. A conjugação das duas armas é perfeita.

Nosso ataque se desenvolve direitinho como estava planejado. Esses dois novos prisioneiros chegam juntos com uma metralhadora e outras armas que os brasileiros tomaram ao inimigo.

O sol aparece — e pela primeira vez vemos a neve. O cume da montanha brilha num resplendor alvo.

A tarde voltou a chover, e todos os objetivos foram ocupados. Foi realmente um avanço feliz, montanha acima: parece que o inimigo esperava o ataque em outro ponto, pois concentrara forças na ponta ocidental do nosso setor.

Agora as patrulhas trazem novos prisioneiros: são algumas dezenas.

— Aquele não falha!

O soldado está falando de um "partigiano" que está em constante ligação com o comandante de sua companhia.

É um moço forte e alourado que atravessa as linhas inimigas e volta com as informações mais precisas:

— Ali há um morteiro e duas metralhadoras. Naquele alto, vi uns 60 homens.

Neste setor até agora o trabalho da aviação, de ambas as partes, tem sido praticamente nulo, mas um "partigiano" que se embrenha na montanha vale quase tanto quanto um "técoteco".

No momento "o partigiano do nosso capitão", como diz pitorescamente o soldado, sumiu: mais neste ataque suas indicações estão sendo, como sempre, uteis.

Passa um homem de cabelos brancos, baixinho, com uma roupa que tanto pode ser uniforme de algum exército misto

desconhecido como as roupas de um operário que tenha o pai camponês. Leva na cabeça um barrete de veludo e uma espingarda de tiracolo: é outro "partigiano". Vai com pressa, não me animo a detê-lo; apenas vejo com admiração esse homem franzino e já velho que luta para libertar sua terra.

Há dois dias, num hospital de evacuação, conversei com dois desses guerreiros. Estavam feridos, um deles seriamente — e só pensavam em ficar bons para voltar às montanhas. Odeiam o fascismo — e durante anos e anos não tiveram nenhum meio de lutar contra ele. Agora podem lutar — e lutarão até o fim. E os nazistas não se cansam em dar razão a esses homens.

A HISTORIA DO PADRE

Vai, só para exemplo, uma razão. A família Menguzzo é bem conhecida em Pisa. É gente rica, dona de varias casas. Quando os americanos começaram a bombardear a cidade, que estava em poder dos alemães, os Menguzzo deixaram a cidade.

O velho Antonio, sua filha Terezina, de 35 anos, uma outra de 13 anos, uma nora com um filhinho de 18 meses foram se refugiar na casa do filho Fiore, que é vigário daquela aldeia.

Um dia, os alemães agarraram dois "partigiani" e os mataram numa estrada, deixando os cadáveres ali, perto da casa do padre.

Dois ou tres dias depois o padre Fiore resolveu encomendar e enterrar os corpos. No mesmo dia em que fez isso foi fuzilado. No dia seguinte os nazistas, usando lança-chamas, queimaram a sua pequena igreja e a casa paroquial — onde estavam os membros da família.

A velha não está em Pisa — mas não pode contar essa historia porque começa a chorar. Sobrou, porém, outro filho, que se refugiara em outro lugar com a velha — e esse pode contar a historia.